

A arte como suspiro: (in)visibilidade do corpo sensível na docência

Art as a sigh: (in) visibility of the sensitive body in teaching:

Arte como un suspiro: (in) visibilidad del cuerpo sensible en la docencia:

Kellen Dias de Barros
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
kellendiasb@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-1550-7563>

Leila de Carvalho Mendes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
lcmendess@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-2511-1527>

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo refletir sobre o corpo sensível e sua relação com a arte e a docência, pensando o quanto o esquecimento do corpo e o predomínio da razão como entidade abstrata destituída de uma materialidade corpórea têm contribuído para a perda de sensibilidade humana, coisificando-nos. Para tal, traçamos percursos que transitam da filosofia à antropologia dos sentidos para pensar na importância do corpo na constituição desse sujeito sensível e no quanto a arte é atravessada pela sensibilidade ao mesmo tempo que possibilita um diálogo com a dimensão sensível do sujeito, tocando-o de forma complexa. Nesse sentido, defendemos uma aproximação dos docentes com a arte, de forma a poder despertar esse corpo sensível, nossa condição humana de existência.

Palavras-chave: Corpo-sensível. Arte. Docência.

ABSTRACT

The object of this essay is to reflect on the sensitive body and its relationship with the art and schooling, thinking how the body forgetfulness and reason predominance as abstract entity destitute of a bodily materiality has contributed to human sensitive loss. Thus, we draw a course (path) transitioning from philosophy to anthropology of senses to think of the importance of the body constituting this sensitive subject and how the art is crossed by the sensibility at the same time it enables a dialogue with the subject sensitive dimension, touching they in a complex form. In this sense, we advocate for an approach by teachers (tutors) through art, in order to be able to awake this sensitive body our condition of human existence.

Keywords: Display Keywords. Body-sensitive. Art. Teaching.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre el cuerpo sensible y su relación con el arte y la docencia, pensando en cuánto han contribuido a la pérdida de la sensibilidad humana el olvido del cuerpo y el predominio de la razón como entidad abstracta desprovista de materialidad corporal. Para ello, trazamos caminos que van desde la filosofía a la antropología de los sentidos para pensar en la importancia del cuerpo en la constitución de este sujeto sensible y cuánto el arte se atraviesa por la sensibilidad al mismo tiempo que permite un diálogo con la dimensión sensible del sujeto, tocando de una manera compleja. En este sentido, abogamos por acercar a la docencia a lo sensitivo del arte para poder despertar este cuerpo sensible, nuestra condición humana de existencia.

Palabras clave: *Cuerpo-sensitivo. Arte. Docencia.*

Introdução

Muito se tem falado na contemporaneidade sobre o quanto somos bombardeados por informações, sobre a obsolescência programada, sobre a efemeridade das experiências e da vida atribulada que levamos, obrigando-nos a correr o tempo todo. Temos a impressão de nunca ter tempo e nesse modo de viver terminamos coisificados, tal qual Os Homens Ocos de T.S. Eliot

A penny for the Old Guy
(Um pêni para o Velho Guy)

Nós somos os homens ocos
Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!
Nossas vozes dessecadas,
Quando juntos sussurramos,
São quietas e inexpressas
Como o vento na relva seca
Ou pés de ratos sobre cacos
Em nossa adega evaporada
Forma sem forma, sombra sem cor
Força paralisada, gesto sem vigor; (...)

Dotados de uma razão sem corpo, desaprendemos a conviver com nossa realidade corpórea. E a escola não escapa dessa lógica. Ordenada pelo tempo cronológico e alinhada com o pensamento linear, homogêneo, nós professoras e professores não temos tempo para significar, terminando por inibir o ato perceptivo, excluindo o sensível do humano de nossas vidas.

Nesse ensaio, temos por objetivo reflexão sobre esse percurso traçado na história em que o corpo vai sendo esquecido. Esse corpo sensível que só produz sentido a partir dos sentidos, está muito próximo da arte, na medida em que esta se constitui a partir da sensibilidade desse corpo, ao mesmo tempo em que também contribui para tocar o sensível do humano. Então, nos propomos a pensar sobre o corpo sensível e sua relação com a arte e a docência, analisando o quanto o esquecimento do corpo e o predomínio da razão como entidade abstrata destituída de uma materialidade corpórea têm contribuído para a perda de sensibilidade humana, coisificando-nos. Para tal, traçamos percursos que transitam da filosofia à antropologia dos sentidos para pensar na importância do corpo na constituição desse sujeito sensível e no quanto a arte é atravessada pela sensibilidade ao mesmo tempo que possibilita um diálogo com a dimensão sensível do sujeito, tocando-o de forma complexa. Nesse sentido, defendemos uma aproximação dos docentes com a arte, de forma a poder despertar esse corpo sensível, nossa condição humana de existência.

O esquecimento do corpo

Numa sociedade voltada para o princípio da produtividade e utilidade, nossos fazeres são condenados a um tecnicismo que nos leva a crer que a reprodução de procedimentos concretos e ordenados nos levará ao sonhado alcance do objetivo. Assim, a docência veio se apoiando em uma série de métodos, livros didáticos, apostilas, cartilhas e outros recursos que prometem ser o mapa para a aprendizagem do outro, uma aprendizagem pautada na noção de que o simples contato do sujeito com o livro, o exercício, o fará aprender. Cremos, como sociedade, na razão como extrema potência humana, que a análise de dados, textos imagens, a partir de um modelo, é possível a todos dotados de razão, e que essa razão é universal, correta, absoluta. Com isso, vimos, sufocando outras de nossas dimensões e apostando nossas fichas em métodos universalizantes voltados a dar instrumentos a essa razão única, atributo do que entendemos como humano.

Somos docentes que repensam sua prática, mas que não estamos imunes ao que vivemos como alunos, somos frutos de uma escola que paralisa o corpo, cala a boca, que preza pela seriedade, focada na leitura e na crença de que aprendemos algo quando nos tornamos capazes de reproduzir esse algo, seja concreta ou abstratamente. Como fazer surgir um corpo, quando nos fizeram esquecer de que o temos? Como mover o corpo alheio, do discente, quando vivemos como entidades abstratas, desatentas ao sentir? Como

o cogito incorpóreo do docente pode fazer cogitar o corpo do Outro? E, mais: o que fazer com o que sentimos?

Atentamos à árdua tarefa que significa nos entender como corpo. A civilização ocidental veio, ao longo de séculos, criando meios de anular o corpo em nome da busca de uma essência que necessariamente é meta-física, é para além do físico, do material e concreto, o ser humano veio criando uma série de recursos artificiais justamente para livrar seu corpo daquilo que lhe era natural: observar o movimento das estrelas, sentir a terra em suas asperezas e maciezes, ouvir o som de algo que se aproxima e saber de onde vem e a que distância está, se encantar com o odor das flores, identificar com um mínimo toque de língua se um alimento está próprio ou não para o consumo. Artificializamos a vida de tal forma que criamos mil recursos tecnológicos e sociais voltados ao não-movimento – como controle remoto, comidas enlatadas, forno microondas – e, por isso, tivemos que criar uma solução artificial para nos trazer movimento – como as academias de ginástica –, porque afinal, por mais que nos esforcemos por ignorar, nós temos um corpo e ele sofre porque o ignoramos.

Estamos prontas e prontos para viver a materialidade de nossos corpos? Nas suas curvas, rigidezes, odores? Estaríamos dispostos a devolver os movimentos que os anos de esquecimento do corpo nos impôs? Saberíamos dizer quando não fomos mais capazes de pôr o pé na boca como fazíamos automaticamente quando bebês? Há quanto tempo não rebolamos ou saltamos? Há quanto tempo ignoramos os sons dos insetos? E o som do nosso coração? Há quanto tempo não percebemos nosso coração batendo no peito?

Ailton Krenak, um grande homem sábio que faz a gentileza de sair de seu mundo envolto pela cultura Krenak, no Vale do Rio Doce, para nos ajudar a despertar, a entender que somos natureza, que somos naturais, destaca numa palestra em Lisboa:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. (KRENAK. 2019, p.26-27)

E haveria ausência maior que a ausência de nós mesmos em nosso corpo? Nosso corpo na forma que ele é e na potência que ele tem? Não o corpo como meio ou fim de algo, como caminho para criar algum sentido racional ao mundo que nos rodeia, mas o corpo como pulsão de vivência e criação, um corpo que se entrelaça com o intelecto, mas que não está submetido a ele. A ausência desse corpo que não só habitamos, desse corpo que somos, nos leva a um estado zumbi, como Krenak destaca que os tempos atuais andam a fazer conosco ou os homens ocos de Eliot. E chegamos a esse ser zumbi porque há muito acreditamos que precisamos ser abstratamente, ser sem sentir.

É preciso observarmos que o sentir do corpo se dá por meio dos sentidos: visão, olfato, audição, tato e paladar. Todo o mundo e nós mesmos nos damos a conhecer a partir das diversas manifestações dos sentidos, vemos a cena da vida pela janela, sentimos o cheiro do café sendo preparado, apreciamos o sabor de uma laranja suculenta, sentimos o prazer de todo nosso corpo tocado num abraço amoroso, ouvimos o cão latir. E ainda que algum de nossos sentidos nos seja privado, percebemos o mundo ampliando nossos outros sentidos na falta de algum deles. Somos plenamente capazes de reconhecer um rosto amigo com o toque; de sentir a vibração da música de forma a percebê-la em seu ritmo e melodia, mesmo que não a ouçamos; de sentir o sabor de um alimento pela sua fragrância. Ainda que lutemos contra os sentidos é por meio deles que construímos o sentido racional das coisas. O sentido materialmente posto no corpo é um homônimo dos sentidos abstratos e racionais postos pela mente. E onde, nos fizeram crer haver oposição, atestamos encontro. Apresentamos a seguir, do dicionário on-line Michaelis, algumas das definições do vocábulo “sentido”:

Faculdade de receber e experimentar uma classe de sensações através de órgãos que, estimulados, desencadeiam o processo de recepção sensorial: São cinco os sentidos: visão, audição, tato, paladar e olfato.

2 Faculdade de sentir, de compreender, de apreciar; senso.

3 Faculdade de julgar; bom senso, entendimento, juízo.

4 O que se quer conseguir ao realizar uma ação; alvo, fim, objetivo, propósito.

(...)

7 Ponto de vista; maneira de ver e considerar; aspecto, face, lado.

8 Razão de ser; cabimento, lógica.

9 A consciência da realidade e das coisas; a própria razão.

10 Atenção da atividade mental; concentração, pensamento.

(<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sentido> - consultado em 13/11/2020 grifo nosso)

A vida só faz sentido, quando sentimos... a atividade mental, a concentração, a razão em si se dão quando os nossos sentidos são provocados. Poeticamente podemos dizer que os sentidos nos trazem o universo, eles são nossa materialidade corpórea que ocupa espaço, exala odor, se manifesta e possibilita que internamente se construam novamente mais sutis em milhares de sentidos que nos possibilitam sermos seres sociáveis que compreendem e alteram o mundo.

Buscamos, então, pensar sobre o sensível do humano e como o mesmo pode ser potencializado na docência por meio da arte. Há uma relação dialética entre arte e sensibilidade. Ao mesmo tempo que a sensibilidade desperta o fazer artístico, a arte pode ser utilizada como ferramenta para despertar a sensibilidade. É a partir desse diálogo que pretendemos pensar o sensível e a arte.

As experiências sensíveis

Toda experiência sensível é concebida nos interstícios do nosso corpo, pelos nossos sentidos. Le Breton (2016) faz uma paródia com a célebre frase de Descartes, Penso, logo existo, escrevendo: Sinto, logo sou, para mostrar a importância dos nossos sentidos e do nosso corpo na profusão dos mesmos.

A psicologia clássica distinguia as sensações das percepções, entendendo as primeiras como preliminares e as segundas como uma síntese secundária. Hoje em dia entende-se que exista logo percepção como totalidade. “A percepção não é composta de sensações, mas de uma composição imediata destas” (PIAGET. 1978). São as nossas sensações e as nossas percepções que possibilitam esse contato sensível com o mundo.

A percepção “é uma comunicação ou mesmo uma comunhão” (LE BRETON. 2016, p.16). Nesse sentido, compreendemos não ser possível perceber sem que se entre em comunhão com os sentidos postos, pois não é possível separar a coisa percebida de quem a percebe. Nossos sentidos produzem sentido ao mesmo tempo em que esses sentidos postos no mundo nos constituem. “Todo homem caminha num universo sensorial ligado àquilo que sua história pessoal fez de sua educação” (idem, p.13). Dessa forma, a experiência perceptiva acontece por meio de um campo perceptivo sempre atual. Nossas percepções estão enraizadas no mundo perceptivo, não sendo possível abandonar esse pano de fundo para realizar a experiência de sentir realizada pelo corpo. Por isso, a percepção “é marcada pela fala, descontinuidade e indeterminação” (IRAQUITAN, 2013).

Mas como nos tornamos sensíveis? O que nos afecta? A experiência sensível funda-se nas significações estabelecidas no mundo, a qual, entrelaçam-se.

O mundo do homem é um mundo da carne, uma construção nascida da sensorialidade passada ao crivo de sua condição social e cultural, de sua história pessoal, de sua atenção ao seu meio. O corpo é o filtro pelo qual o homem se apropria da substância do mundo e a faz por intermédio dos sistemas simbólicos que partilha com os membros de sua comunidade (LE BRETON; 1990-2004). O corpo é a condição humana do mundo, este lugar onde o fluxo incessante das coisas se detém em significações precisas ou em ambiências, metamorfoseia-se em imagens, em sons, em odores, em texturas, em cores, em paisagens etc (LE BRETON. 2016, p.13).

Tendemos pensar que o nosso corpo encarnado é um corpo individual, mas as experiências sensíveis são urdidas no seio da cultura, e são organizadas “como um campo intersubjetivamente partilhável” (Ferraz. 2009, p. 44, IN: SANTAELLA. 2012, p.14). O homem insere-se na sociedade não apenas pela língua, mas também pela linguagem e pelas práticas culturais que “escandem a cotidianidade” (LE BRETON, 2016, p.13), o que não significa que as percepções não sejam impregnadas de subjetividade.

Antes de nascermos, ainda dentro do útero, protegidos pelo líquido amniótico, “no berço das profundezas aquáticas” a audição já faz parte de nossa vida (MONTAGU, 1988, p.22) e constitui, junto com as impressões táteis, nossas memórias mais antigas. Ao nascermos, nos deparamos com o caos sensorial, inapreensível de sensações internas, como o frio, o calor, a sede. Os odores também são novidade, principalmente o cheiro da mãe, assim como os sons e as formas. O bebê é imerso no âmago de um mundo desconhecido e, ao longo das semanas e meses seguintes, esse mundo vai se ordenando a partir das experiências perceptivas e vai se tornando compreensível porque vai sendo significado. Esse sentido que vai sendo construído é dado a partir do outro. O outro é o responsável pelo fundamento do vínculo social. “Na origem de toda existência humana, o outro é a condição do sentido (...) um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido.” (LE BRETON. 2016, p.32).

Dessa forma, nossas percepções sensoriais não dependem apenas de nossa fisiologia. Nosso corpo, nossos sentidos, mediadores de nossa relação com o mundo, são atravessados pelo campo simbólico da cultura e da linguagem que orienta um universo de possibilidades, determinando o que é visível e o que é invisível.

as percepções sensoriais são em primeiro lugar a projeção de significações sobre o mundo(...) Os sentidos não são janelas sobre o mundo, (...) eles são filtros que só retém em sua peneira o que o indivíduo aprendeu a colocar nela, (...) As coisas não existem em si, elas são sempre investidas de um olhar, de um valor que as torna dignas de ser percebida. A configuração e o limite do desdobramento dos sentidos pertencem ao traçado da simbólica social. (LE BRETON. 2016, p.15)

A percepção é uma maneira de sentir o mundo, ela não é a realidade e sempre que desejamos partilhar nossas percepções com os outros, podemos recorrer à mediação da linguagem, sendo, no entanto, superadas por aquelas pela dificuldade de se traduzir em palavras uma percepção. Existe uma dialética sutil entre a percepção e a linguagem, sendo esta decisiva na elaboração da primeira, visto que o termo cristaliza a percepção. A percepção é interpelada pela linguagem, que não é uma etiqueta. A linguagem constitui o real, as coisas só se tornam reais por sua entrada no registro da linguagem. (LE BRETON (2016, 30), não havendo uma relação dual entre o real e a linguagem que o descreve, assim como o sentir não é uma experiência universal e objetiva.

Para Merleau-Ponty (2018), a percepção nos faz seres potentes de possibilidades. Não somos máquinas que registram e decodificam informações sensíveis. Somos sujeitos. Sujeitos que se constituem por meio da própria experiência perceptiva. É o nosso corpo que se faz sujeito através dos diferentes sentidos, que são zonas produtoras de subjetividades. A subjetividade se estabelece no corpo e pelo corpo e não sobrevive sem esse corpo. Mas como isso acontece? Como as diferentes zonas perceptivas do meu corpo podem ser transformadas em zonas subjetivas? Para o filósofo o corpo realiza experiências intencionais. Não podemos reduzir uma cor a uma qualidade identificável no mundo. Uma cor é uma existência intencional que não repousa em si mesma. As cores seduzem, provocam o olhar e, nesse sentido, antes que eu veja a cor, ela já está subtendida em meu olhar. É do encontro do meu olhar e da cor que acontece a experiência de sentir (IRAQUITAN, 2013).

Entre o mundo e a linguagem que o descreve se estabelece uma trama “sem costura que leva os homens a viver em um universo sensorial e semiológico diferentes e, portanto, a habitar universos com traços e fronteiras nitidamente dessemelhantes, embora não deixem de comunicar” (LE BRETON. 2016, p.30).

O mais profundo é pele

O poeta Paul Valéry em sua peça “Ideia fixa” nos traz a célebre frase “o mais profundo é a pele”, levando-nos a um oxímoro, a uma ambiguidade sem a solução confortável do mundo catalogável: o mais profundo de nós naquilo que há de mais superficial, o maior órgão de nosso corpo: a pele. Seria essa uma metáfora para indicar que a profundidade nasce da superfície? Ou estaríamos condenados à mera superficialidade?

Hans Ulrich Gumbrecht, nos traz uma importante reflexão em “Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir” que pode nos ajudar a refletir sobre esse oxímoro:

(...) a posição central, institucionalmente incontestada, da interpretação – ou seja, da identificação e da atribuição de sentido – nas Humanidades pode ser comprovada pelo valor positivo que em nossas linguagens atribuímos, mesmo automaticamente, à dimensão “profundidade”. Se dizemos que uma observação é “profunda”, estamos a elogiá-la, pois oferece um sentido novo, mais complexo e particularmente apropriado a um fenômeno. Ao contrário, se consideramos algo “superficial”, isso significa que lhe faltam essas qualidades, pois está implícito que não consegue ir “além da” ou “por sob a” primeira impressão produzida pelo fenômeno em causa (normalmente, não imaginamos que alguma coisa ou alguém não queira ter profundidade). Em ambos os casos, também pressupomos normalmente que a qualidade das observações e das interpretações depende da “distância adequada” que o observador é capaz de manter em relação ao fenômeno que observa. Assim, temos de fazer um esforço intelectual específico para entender o quanto é problemático falar constantemente do “mundo” ou da “sociedade” como se “mundo” e “sociedade” fossem objetos distantes, em relação aos quais somos capazes de (ou devemos) ocupar uma posição de afastamento. (GUMBECHE. 2010, p.43, 44)

Desde a dialética platônica e a busca incessante pela Verdade que habita o mundo das Ideias, fomos postos diante da obrigatoriedade de ir além do primeiro olhar, as perguntas essenciais socráticas que propunham não perguntar se algo é belo, mas, sim o que é o Belo foram o chamado à essência das coisas e o conseqüente abandono da superficialidade. Não deveríamos nos demorar naquilo que é breve, passageiro, imperfeito, deveríamos fazer um esforço intelectual de afastamento do objeto para, então, penetrar-lhe o espírito imutável, estável, perene. É válido destacar que esse modo de pensamento, encontrou seu auge no cogito cartesiano que fundava a existência no homem e, mais do que isso, que punha em dúvida a existência de tudo mais que não fosse o

atributo humano do pensamento. E essa centralidade no pensamento humano provoca uma certa mudança de cenário, pois então não é dado ao homem somente descobrir o sentido verdadeiro e velado no mundo, mas é dado a ele atribuir sentido, numa postura mais criadora, porém ainda aprisionada a uma concepção de afastamento do sensível.

Entretanto, somos irremediavelmente atravessados pela nossa finitude e materialidade, pela constante e irrefreável mutabilidade de todas as coisas: as paisagens, os significados, as relações, o corpo e, até as obras de arte. Se podemos (e realmente podemos) fazer mergulhos em objetos e extrair-lhes a essência, também podemos patinar sobre suas superfícies e experienciar maravilhas.

Trilhando o caminho da literatura, não poderíamos nos furtar de visitar uma obra clássica que trata particularmente do jogo entre o peso e a leveza: “A insustentável leveza do ser” (1984) de Milan Kundera. O autor nascido na República Tcheca, naturalizado francês, escreve esse belíssimo romance em que num bailar entre a profundidade e a superfície relata uma história sensual de amor, num contexto de extrema opressão política. Tomaz e Tereza vivem as dores e delícias de uma relação em que se flutua entre a leveza e o peso e o tempo todo esses dois valores são questionados, ora desejados, ora rejeitados. E ele vai à Parmênides, que é anterior a Platão, tratar dessa contradição:

Foi a pergunta que Parmênides fez a si mesmo no século VI antes de Cristo. Segundo ele, o universo está dividido em pares de contrários: a luz/a escuridão; o grosso/o fino; o quente/o frio; o ser/o não-ser. Ele considerava que um dos polos da contradição é positivo (o claro, o quente, o fino, o ser), o outro, negativo. Essa divisão em polos positivo e negativo pode nos parecer uma facilidade pueril. Exceto em um dos casos: o que é positivo, o peso ou a leveza? Parmênides respondia: o leve é positivo, o pesado o negativo. Teria ou não teria razão? A questão é essa. Só uma coisa é certa. A contradição pesado/leve é a mais misteriosa e a mais ambígua de todas as contradições. (KUNDERA, 2017)

Tomados, como somos, pelo platonismo e pela lógica cartesiana, é difícil simplesmente abraçar a visão de Parmênides em defesa da leveza. Mas, como a obra muito bela e genialmente nos leva a viver, percebemos que somos constante misto do peso e leveza num tempo simultâneo. A relação de Tomas e Tereza nos traz como em nós vivemos essa dicotomia de forma permanente, não sendo necessário buscar uma ou outra visão, mas entendendo que a superfície também é um mar navegável. Vale lembrar que, na obra, as noções de peso e leveza são atribuídas especialmente às relações: seria ideal ter

uma relação profunda, duradoura estável, pesada, ou fugaz, incerta, baseada no prazer, livre, leve? Ainda na obra:

Mas será mesmo atroz o peso e bela a leveza? O mais pesado dos fardos nos esmaga, verga-nos, comprime-nos contra o chão. Na poesia amorosa de todos os séculos, porém, a mulher deseja receber o fardo do corpo masculino. O mais pesado dos fardos é, portanto, ao mesmo tempo a imagem da realização vital mais intensa. Quanto mais pesado é o fardo mais próxima da terra está nossa vida, e mais real e verdadeira ela é. Em compensação, a ausência total de fardo leva o ser humano a se tornar mais leve do que o ar, leva-o a voar, a se distanciar da terra, do ser terrestre, a se tornar semi-real, e leva seus movimentos a ser tão livres como insignificantes. O que escolher, então? O peso ou a leveza? (KUNDERA, 2017)

Curiosamente, aqui, Kundera relaciona a leveza a uma saída da materialidade, num voo meta-físico, identificando, porém, nesse gesto a fugacidade, à insignificância e à materialidade da terra e sua durabilidade ao peso. Movendo as lentes, a concretude material de uma relação estável aproxima-se mais a uma noção de peso, enquanto a leveza do deslizar sobre superfícies inconstantes de corpos sem o vínculo de suas histórias aproxima-se mais da leveza. Sair da materialidade, ir para o meta-físico se opondo à ideia de profundidade. Acrescentando, ele sentencia:

Só as perguntas mais ingênuas são realmente perguntas sérias. São as interrogações para as quais não há resposta. Uma pergunta para a qual não há resposta é uma cancela além da qual não há mais caminhos. Em outras palavras: são precisamente as perguntas para as quais não há respostas que marcam os limites das possibilidades humanas e que traçam a fronteira de nossa existência. (KUNDERA, 2017)

Seriam as perguntas mais ingênuas, as perguntas sem a preocupação de profundidade, de fundamentação, de análise prévia, as mais difíceis de se responder. Na “Insustentável leveza do ser” Kundera nos põe diante de algo plenamente conhecido por nós: a relação amorosa e todo o desejo que temos da plena confiança na entrega ao outro e, ao mesmo tempo, toda necessidade do furor inesperado, da urgente paixão, do riso fácil sem grandes complicações. Se no início de uma relação temos toda a explosão calorosa da descoberta, temos igualmente toda insegurança dos modos de agir, um imenso não-entendimento do outro. Se numa relação já mais longa e estável temos uma sensação de segurança, de confiança mútua que vai além da paixão, que partilha vida de projetos,

temos a mornidão do plenamente conhecido, o “sabor de fruta mordida”. Essa, pelo menos é a forma mais automática de significarmos as relações amorosas. Mas, muitas vezes, nos sentimos seguros e conectados desde o início de uma relação, ou algo na pessoa nos desperta uma abertura de nosso universo interior, ou a outra pessoa o faz... muitas vezes ainda, o amor mais antigo e conhecido se apresenta totalmente diverso do que pensávamos, e nos perguntamos se realmente chegamos um dia a realmente ter conhecido o outro, quem poderia dizer que não se surpreende constantemente com seu parceiro ou parceira de anos?

O que seria melhor: a leveza dos amores fugazes ou a profundidade do amor duradouro? Quem em posse de um, em algum momento, não deseja o outro?

“A insustentável leveza do ser” é uma obra que revela de forma muito concreta o quanto a distinção entre o sentir e o pensar, a emoção e a razão, o leve e o pesado não estão em lugares opostos, elas habitam em nós concomitantemente e acerca do mesmo objeto. E que a tentativa de se solucionar as dicotomias de forma a eliminá-las é vã e, pior ainda, que se essa tentativa de solução passar pela eliminação de uma dessas faces dicotômicas é condenação (que não se realiza plenamente) a um aprisionamento violento.

Ainda nos passos da literatura, cremos ser importante pensar também em “Alice no País das Maravilhas” (1865) de Lewis Carroll, em que vemos um jogo entre profundidade e superfície bastante interessante. Como sabemos, a menina Alice seguindo um coelho com um relógio, termina por cair num profundo buraco que a leva ao País das Maravilhas. Toda a viagem da menina se dá em direção ao profundo, destaca Gilles Deleuze, em “A lógica do sentido”:

Mas o começo de Alice (toda a primeira metade) procura ainda o segredo dos acontecimentos e do devir ilimitado que eles implicam, na profundidade da terra, poços e tocas que se cavam, que se afundam, mistura de corpos que se penetram e coexistem. À medida que avançamos na narrativa, contudo, os movimentos de mergulho e soterramento dão lugar a movimentos laterais de deslizamento, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Os animais das profundezas tornam-se secundários, dão lugar a figuras de cartas de baralho, sem espessura. (DELEUZE. 2003, p.10)

Alice em profundidade vive experiências de mergulho em pensamentos enigmáticos, em desafios astutos, mas pouco a pouco vai abandonando esse modo que busca essências e entra num universo sem espessura, e, assim, a aventura se realiza no

plano, crescendo pelas bordas. E ao retornar à superfície do chamado mundo real, ocorre uma espécie de “desmistificação da falsa profundidade” (idem).

Em “Alice no País das Maravilhas” vemos a ilusão da profundidade se esvanecer pouco a pouco, como o sorriso do gato, na ficção da ficção, o tempo de Kronos se recolhe em nome de Aion, e assim nasce o famoso trecho em que Alice pergunta ao coelho quanto tempo dura o que é eterno. Ao que ele responde: Às vezes, apenas um segundo.

Essa fantástica obra, desde a infância, nos ajuda a tomar consciência acerca das nossas múltiplas naturezas. Quando crianças, costumamos nos encantar com o episódio em que Alice precisa tomar o líquido desconhecido do frasco para diminuir o seu corpo e aumentá-lo novamente... o desejo de ser adulto, ser grande em relação à vida da criança... o que é melhor? Ser grande ou ser pequeno? No corpo e na mente...

A arte nos desperta os sentidos, ambos os sentidos, os físicos e os da mente e nos levam a uma experiência de alteridade que nos faz expandir para um outro, acolhido num mundo que não é o nosso. Como destaca Félix Guattari: “No cinema, o corpo se encontra radicalmente absorvido pelo espaço fílmico, no seio de uma relação quase hipnótica.” (GUATTARI. 2000, p. 153) A imersão numa narrativa, num quadro, numa música atentando a esse humano múltiplo insubmisso a esquemas totalizantes.

Nesse sentido é válido ouvirmos um pouco de Octávio Paz em “Signos em rotação”: (...) não há poesia sem sociedade, mas a maneira de ser social da poesia é contraditória: afirma e nega simultaneamente a fala, que é palavra social; não há sociedade sem poesia, mas a sociedade não pode realizar-se nunca como poesia, nunca é poética. (PAZ, 1996, p.96)

Os modos de fazer da sociedade sempre tentam sufocar a poesia, a vibração, o riso. Sujeitos sem corpos ou sem almas, mais uma vez retomando T.S. Eliot e Krenak, são mais fáceis de direcionar, contornar. Somos coletivamente obcecados pelo controle das variáveis, o medo do imprevisível nos assombra. Contudo somos, em tudo, mudança e variação, imprevisibilidade, não há um único dia que se repita da mesma forma em toda uma vida, por mais longa que ela seja. Se não houvesse a poesia, seríamos todos iguais, robóticos, insensíveis ao belo, ao outro, à dor.

E como docentes, temos estado atentas e atentos a esse nosso corpo que fala dissonâncias? Temos tentado abafar o sentir em nome de uma produtividade controlada? Temos tido medo dos nossos sentidos, sentimentos e emoções? Temos provocado nosso corpo e mente com a arte que nos submerge na poesia da complexidade do humano, logo

em seguida nos lançando aos céus como esguicho de respirar de baleia? Como fazer sentir nossos alunos, se não sentimos nós?)

A Complexidade de um Ponto Final

Esse corpo que é pé e crânio, gota de sangue, núcleo de célula, cadeia de DNA, esse corpo nosso que se transforma, já foi pequeno como uma noz, esse corpo nosso que é tão conhecido e estranho, esse corpo cujas células se renovam completamente em cerca de 30 a 40 dias, é um corpo que somos nós, nós na complexidade que guarda o que chamamos de humano, de sujeito. Nossa existência está marcada na carne que se manifesta desde o toque no fogo à dor de cabeça gerada por uma mágoa. Esse tanto de corpo que somos segue ignorado pela inteligência, chamada cega, por Edgar Morin:

A inteligência cega destrói os conjuntos e totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada. As realidades-chave são desintegradas. Elas passam por entre as fendas que separam as disciplinas. As disciplinas das ciências humanas não têm mais necessidade da noção de homem. E os pedantes cegos concluem então que o homem não tem existência, a não ser a ilusória. (MORIN. 2015, p.12)

É preciso atentar que nossa noção de existência se dá primeiramente no corpo, é porque temos um corpo que existimos e também porque sentimos, pensamos, fabulamos. Somos essa amalgama de diversidades concretas e sutis. Ignoramos o quanto o aprisionamento do corpo compromete, inclusive, a possibilidade de um exercício de razão mais livre.

Esse complexo que somos, apesar de todo um movimento multimilenar de silenciamento do corpo e dos sentidos, se faz presente... os lampejos de sua forma caleidoscópica brilham em nossos olhos e mentes quando tocados pela arte. Como vimos, em “A insustentável leveza do ser” e em “Alice no País das Maravilhas”, a narrativa de nossa vida humana nas fabulações fantásticas e no concreto de similitudes cotidianas, nos põe diante de um espelho de muitos prismas que nos faz vermo-nos a nós mesmos e ao outro. Põe-nos diante de nossa humanidade nada dicotômica. Antonio Candido, em seu essencial texto “O direito à Literatura” (1980) nos serve de guia nessa reflexão:

Entendemos aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos

essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO. 2011, p. 182)

A literatura nos faz tocar e expandir nossa natureza humana em suas múltiplas formas. Se a ciência, a filosofia, antropologia, psicologia ou qualquer outra ciência pode nos pensar de forma a simplificar e reduzir nosso ser com a facilidade de um ignorar do corpo e da materialidade, na arte isso se torna muito mais difícil porque sua ligação com o sensível é intensa. A arte move nossos afetos, nos co-move, levando-nos com ela irresistivelmente, como quando assistimos a um filme e ele ecoa em nós por um tempo, ou quando saímos confusos de uma exposição, refletindo sobre o que ela nos causou, ou, ainda, quando uma canção nos leva a lágrimas, sem que nem entendamos o porquê.

E vivemos a destacar o quanto é importante levar a arte para a sala de aula, apresentamos filmes, textos literários, canções porque entendemos que, de alguma forma, isso é importante, que esse acesso é formador dos indivíduos. Mas, será que possibilitamos a experiência da complexidade na relação dos alunos com os objetos de arte? Ou usamos a arte como um simples meio de provocação para chegarmos a um objetivo que está fora da própria arte, como trabalhar um livro contando a história de uma lagarta que virou borboleta como uma forma de introduzir o tema da metamorfose em Ciências? Nesse sentido, nos perguntamos: como poderíamos despertar o sensível de nossas alunas e alunos se nosso sensível está adormecido? Como doar o que não temos? E, muito além do doar, como posso ser plenamente, se ando sendo pela metade?

Esse trabalho é um chamado ao sensível do corpo, do humano no ser docente, um chamado ao olhar para si, no autocuidado e na autovalorização. Se a literatura (e a arte como um todo) é um direito humano, como destacou Antonio Cândido, temos que nos entender como merecedores desse direito e fazer o movimento de resistência no sentido de abrir espaço para a arte na vida dos docentes. É importante investigar, testar, provar para conhecer que tipo de arte, que obras, aguçam nossos sentidos, sentimentos, viagens, reflexões.

No complexo que somos, não nos reduzimos a um ponto final, mas nos abrimos humanamente a um pulular de sentimentos, sentidos, impressões como num salto no conhecido/desconhecido de carne e sonho.

Referências

- CAMINHA, Iraquitana Oliveira; SILVA, Marcos Erico de Araujo. **Percepção, corpo e subjetividade**. São Paulo: Editora Liber Ars, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. São Paulo: 34, 2000.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto & PUC- Rio, 2010.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- MASSINI, ELCIE F.S. & Colaboradores. **Contemporaneidade, percepção e crítica, ou padronização e comodismo?** São Paulo: Liber Ars, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF MartinsFontes, 2018.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. SP: Perspectiva, 1996.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e Epistemologia: por uma teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- ELIOT, Thomas Stearns. **Os homens ocos**. Disponível em: <<https://singularidadepoetica.art/2017/04/04/t-s-eliot-os-homens-ocos/>>. Acessado em: 08/11/2020.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Kellen Dias de Barros e Leila de Carvalho Mendes*

Submetido em 05/02/2021

Aprovado em 17/04/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)